

A história literária enquanto *teoria da literatura* (século XIX)

Carlos M. F. da Cunha
Universidade do Minho

Um dos lugares-comuns acerca da literatura portuguesa do século XIX consiste na ideia da ausência de reflexão teórica sobre o fenómeno literário (1). No entanto, ela existiu, de um modo geral, nos prefácios e posfácios de obras literárias, nalguns artigos publicados em revistas e nas histórias da literatura. Nestes textos são sobretudo visíveis os reflexos e a influência de algumas obras de referência europeias, como a *História da literatura antiga e moderna* (1815), de Friedrich Schlegel, o *Curso de Literatura Dramática* (1809-11), de August Schlegel, e as obras de Madame de Staël, em particular *De l' Allemagne* (1813). Assim, os críticos e os historiadores da literatura portuguesa como que se dispensam de teorizar explicitamente questões que eram conhecidas no restrito meio literário português. Do mesmo modo, as novas ideias românticas foram adaptadas ao contexto sócio-político português, em articulação com os conflitos ideológicos que marcaram a revolução liberal e com a oposição entre o classicismo e o romantismo. Esta teorização manifestou-se através de uma “poética histórica” e mesmo de uma geopoética, pelo que pensamos ser possível afirmar que a história literária funcionou como uma espécie de “teoria da literatura” ao longo do século XIX.

A própria designação de “teoria da literatura” já existia. Madame de Stael, em *De l' Allemagne* (1813), refere-se com admiração, à “teoria literária” dos alemães (1968, II [1813]: 161-2) e três décadas depois Herculano, num dos seus artigos publicados no *Repositório Literário*, lamentava a sua ausência: “A parte theorica da litteratura ha vinte annos que é entre nós quase nulla.” (1898 [1834]: 7). Este termo e conceito de teoria tem a sua génese, parece-nos, na filosofia kantiana, cujo idealismo transcendental influenciou fortemente o romantismo alemão e o próprio Herculano. Segundo este, não havia em Portugal um único livro “sobre as letras consideradas de um modo mais geral e philosophico” (*id.*: 8). Tratava-se da necessidade, no seu entender, de constituir um “corpo de doutrina” para avaliar “as produções das diferentes eras e das diferentes escolas, em relação ao seu génio particular e à ‘philosophia geral das letras’ ” (*id.*: 11). Mas o que Herculano dizia faltar entre nós era, no fundo, uma poética histórica que estudasse o objecto da poesia e as teorias do belo e do sublime nos antigos e nos modernos, e que no seu entender deveria fornecer os princípios necessários e universais de todas as poéticas, “os elementos universaes da arte.” (*ibid.*). Segundo afirma, só “um curso de litteratura remediaría os damnos que devemos temer, e serviria ao mesmo tempo de dar impulso ás

letras” (*id.*: 9). E atribui ao ensino público a função de estabelecer uma teoria segura, um corpo de doutrina (*id.*: [1835]: 23, 25).

Freire de Carvalho, ao publicar as *Lições Elementares de Eloquência Nacional* diz querer que a sua obra seja o início de um “*Curso completo de Princípios de Litteratura Nacional*” (1840a [1834]: 6), que completou com as *Lições Elementares de Poética Nacional* (1840), que incluem um “Breve Ensaio sobre a Critica Litteraria”. Estas obras procuravam ser, segundo o autor, o curso ou manual que Herculano dizia faltar, “em quantro outro não apparece mais bem compilado e escripto” (Carvalho, 1840: 6) (*id.*: 9; destaque nosso).

Também não deixa de ser significativo que Teófilo Braga tenha apresentado em 1872 a sua tese para o concurso a professor do Curso Superior de Letras com o título “Theoria da Historia da Litteratura Portugueza”. Nas palavras introdutórias, Teófilo declara que “tem principalmente em vista trazer para o campo da argumentação os principios da moderna sciencia da historia litteraria.” (1872: 6). Para Teófilo, o vazio doutrinal e teórico da literatura portuguesa que Herculano sublinhava em 1834 só poderia ser colmatado pelo conhecimento da história da literatura portuguesa, que se tornava indispensável, segundo afirma, depois das lutas da “Escola de Coimbra” (Braga, 1885: 397-8).

A necessidade de uma história da literatura portuguesa é um tópico frequente até ao último quartel do século XIX e faz-se acompanhar da exigência de uma reflexão teórica sobre as novas práticas literárias que o romantismo introduziu, o que se traduz muitas vezes na ideia de que fazia falta uma “poética nova” que substituísse a poética clássica. Em 1857, Luís Rebelo da Silva afirmava que nos faltava uma história literária, para estabelecer princípios e uma reflexão filosófica sobre a literatura portuguesa: “Mas, o que estava antes [de Garrett], as razões da sua existência, e o pensamento dos séculos, no sentido litterario e philosophico, esperam debalde pelo Villemain, que as há de qualificar e descrever.” (1857: 59).

Não deixa de ser significativo que a par da expressão “teoria da literatura” se usem conceitos com uma acepção equivalente, como “princípios” ou “filosofia” da literatura. De facto, o então recente conceito de literatura inviabilizava o uso generalizado de Poética, conotada com a poesia, e a nova produção literária que emergia sob a designação de literatura exigia uma reflexão equivalente, uma teoria “da literatura”, até porque criava novos padrões, afastados da poética clássica. Havia, em suma, que teorizar o romantismo e a sua vontade de ultrapassar o normativismo da poética e da retórica clássicas.

Um exemplo curioso desta exigência está no facto de Delfim Maia, professor do Liceu Nacional do Porto, ter publicado em 1880 um manual para o ensino liceal a que deu o nome de “Theoria da Literatura: particularmente da litteratura em prosa, para uso das aulas de litteratura nacional segundo a ultima reforma d’ instrucção secundaria”. Este manual destinava-se à disciplina de “Literatura Nacional”, introduzida no ensino liceal em 1880, em substituição da disciplina de “Poética e Oratória”. A teoria da literatura de Delfim Maia, porém, traduz-se numa aplicação da terminologia e dos conceitos da Retórica para explicar os textos em prosa. Trata-se, como afirma o autor, da “theoria das composições litterarias, ou o ensino das regras communs a todas as composições litterarias, e o das regras particulares a cada género d’ essas composições” (1883: 6). Porque considera que a forma externa divide as composições literárias em duas grandes classes, em prosa e em verso, fala de uma subdivisão, que considera natural, entre “theoria da litteratura em geral e particularmente em prosa; e theoria da litteratura em verso” (*ibid.*). Esta teoria da literatura em verso merecerá, como diz, um outro volume, intitulado “Noções de Poética”. Com efeito, Delfim Maia tinha publicado uma obra sobre poética vários anos antes, mas que na sexta edição, de 1888, tinha o nome de “Noções de poética para uso das escolas e como complemento da theoria da litteratura”. Se na advertência da primeira edição alertava para o facto de que a sua poética visava também incluir as “poesias românticas”, logo no início da obra define poética como a “*exposição methodica dos princípios da poesia e das regras de versificação e composição das varias espécies d’ obras poéticas*” (1888: 7). Ao incluir o estudo das “grandes escolas” (clássica, romântica e neoclássica), está a colocar-se claramente na linha da poética histórica. Apesar de não excluir da poética obras de natureza dramática, narrativa ou didáctica, nas “Noções de poética” privilegia claramente o verso: “Póde pois a poesia, considerada como bella-arte litteraria, definir-se *a expressão verbal e ordinariamente versificada, do bello ideal da natureza.*” (*id.*: 8). Percebe-se assim que o termo e o conceito de Poética, ligado à poesia, não servia para a maior parte dos textos literários em prosa.

De modo incisivo, a dimensão teórica está sobretudo presente na definição do termo e do conceito de romantismo que Herculano sintetiza em “Poesia: Imitação, Belo, Unidade” (1835), numa linguagem densa, que revela a sua perspectiva nacional e histórica da literatura (cf. 1898 [1835]: 69). Alexandre Herculano é, de certo modo, o primeiro teorizador entre nós de uma nova concepção da literatura, dando relevo às noções de progresso literário e de originalidade nacional, delineando um conceito de romântico associado à Idade Média cristã e cavaleiresca (1898 [1834]). Por outro lado, define como

princípio da "unidade" e da beleza da poesia a articulação da obra com o seu meio e a sua época (1898 [1835]). A geopoética e a poética histórica recebem assim a sua legitimação teórica através do que Herculano também denomina como "**uma poética nova**", afastada dos padrões clássicos (1898 [1834]: 7; destaque nosso). Esta reflexão inovadora dá-se na medida em que visa fundar uma teoria da unidade da poesia de raiz não aristotélica. Parte assim da ideia da harmonia entre a obra e a "ideia", da concordância da obra com o seu tempo, de que resultariam o belo e o sublime (*id.*: 56-7). A teoria da unidade defendida por Herculano reforça-se quando referida ao drama histórico, que a seu ver "representa uma **theoria litteraria** verdadeira e nova substituída a outra velha e falsa" (1898 [1842]: 242; destaque nosso), porque a arte moderna exigia mais do que a unidade de caracteres e acção. Era agora necessário que representasse as circunstâncias históricas e a vida social, o que obrigava **o poeta a ser ao mesmo tempo poeta e historiador**, dando conta da vida social da época que retratava, da verdade histórica e local. Assim, a escola moderna teria como únicos princípios a seguir a natureza e a verdade (*id.*: 243-52; destaques nosso).

Como referimos, a obra dos irmãos Schlegel e de Madame de Staël influenciou de modo decisivo os historiadores da literatura portugueses na sua elaboração de uma "poética histórica" da literatura portuguesa. Da teorização daqueles autores destaca-se a elaboração de uma geografia literária e cultural que distinguia "duas Europas", com base na teoria dos climas de Montesquieu, na religião (Católicos vs. Protestantes) e na filosofia da história hegeliana. Em termos históricos, os românticos opunham as literaturas antigas às literaturas modernas e em termos espaciais diferenciavam as literaturas originais do Norte, românticas (nacionais, de raiz popular e medieval), e as imitativas do Sul (*Midi*) da Europa, de matriz clássica (não nacionais e sem tradições autóctones). Em termos práticos, esta cartografia tem como principal objectivo contrapor a originalidade da literatura e cultura alemãs (herdeiras da cultura oriental e grega) à imitação clássica, patente na literatura e cultura da França (herdeira de Roma) (2).

Nesta base, para Teófilo Braga, que segue a cartografia estabelecida pelos irmãos Schlegel, a literatura grega impõe-se como modelo de organicidade e originalidade, ao passo que a literatura romana se perde na imitação inorgânica (1984 [1909]: 65) (3), o que se tornou num lugar-comum da história e da crítica literárias em Portugal. Nas palavras de Teófilo Braga, Friedrich Schlegel fez desta oposição entre originalidade e imitação uma espécie de lei das literaturas românticas. Também José Maria de Andrade Ferreira contrapõe o princípio da originalidade romântica ao princípio da imitação clássica, que desvaloriza em

nome daquela e da lógica do progresso. Deste modo, elogia o romantismo por apresentar "Uma **poética inovadora**", com "uma poesia original, livre, insurreccionada contra todas as **theorias** e preceitos", que "cortava em pedaços a arte poetica, e arremeçava-a á caldeira das bruxas de Shakespeare, para a remoçar" (1872 [1859], I: 95-6; destaques nossos).

Os modelos da originalidade literária repartem-se, curiosamente, entre a literatura moderna dos países do Norte da Europa (sobretudo a Inglaterra e a Alemanha) e a literatura "primitiva" espanhola (e em parte a portuguesa), porque aparecia como a mais fiel à tradição medieval (e oriental), sem influência dos clássicos, com um folclore rico e original. Madame de Staël, por exemplo, elogia a poesia "natural" e os romances dos portugueses e dos espanhóis, pelo seu carácter nacional e por terem origem na imaginação popular (1968 [1813], II: 64). F. Schlegel enfatizará estas noções, na medida em que parte de uma diferenciação religiosa, colocando de um lado os países católicos e originais (Espanha, Itália e Portugal), que no século XVI teriam constituído "um todo intimamente ligado" (1829 [1815], II: 102). A tónica do romântico vai agora para o catolicismo (cf. A. Schlegel, 1971, II: 367). A exaltação da originalidade do teatro espanhol encontra um particular eco no discurso da história literária em Portugal, nomeadamente em Herculano, Rebelo da Silva, Teófilo Braga e Moniz Barreto. A Idade Média passa a ser considerada como a época inspiradora do romantismo, devido ao triunfo do cristianismo e dos povos do Norte, com o seu espírito livre, gerando um mundo novo, de que resultou uma literatura europeia latino-cristã e a emergência das literaturas nacionais, mais poéticas, atractivas e fecundas, de base histórica e com um fundo religioso (F. Schlegel, 1829, II, cap. XIV). De acordo com as teorias de Vico e de Herder acerca do carácter primordial da poesia popular, Friedrich Schlegel designa a Idade Média como a "época primitiva" (a Primavera) da Europa moderna, marcada pelo espírito de cruzada e pelo ideal cavaleiresco e amoroso.

Desta complexa teia conceptual resulta a configuração do espaço literário em termos nacionais, com base no critério da originalidade, que presidiu à elaboração da periodologia (com a definição de épocas imitativas e de épocas originais/nacionais) e dos cânones nacionais, organizados em função das obras que se pensava serem as mais representativas do "espírito nacional".

Esta configuração, que tem por base uma geopoética e uma poética histórica de matriz romântica, tinha um alcance geopolítico e cultural que visava transformar o espaço literário europeu e redefinir as representações das culturas nacionais europeias. Assim, não obstante a valorização de algumas literaturas do Sul, elas são apreciadas pelo seu

catolicismo conservador, a que os irmãos Schlegel aderiram, e à luz do mesmo atavismo pelo qual se apreciavam os povos primitivos e as suas culturas, isto é, pelo seu carácter não moderno, pela sua fidelidade a um mundo arcaico. Pelo contrário, as literaturas do Norte são valorizadas face à sua modernidade e originalidade, o que é meritório, na medida em que resulta de um progresso histórico e não apenas por não terem sido influenciadas pelo legado clássico.

Em *Europe (in Theory)* (2007), Roberto Dainotto desenvolve esta oposição entre as duas Europas, que considera resultante do “imperialismo interno” que a Europa desenvolveu a partir do século XVIII em relação aos países meridionais, nomeadamente através do retrato negativo que divulgou acerca de Portugal, da Espanha, da Grécia e da Itália, em contraposição com a visão positiva dos países do Norte. No seu entender, a Europa não se construiu apenas contra o “Oriente”, mas também em oposição à sua periferia, às suas “margens”. A história, a literatura e a filosofia estiveram assim ao serviço da “invenção” geocultural e geopolítica das “duas Europas” (4), cuja continuidade espacial se fracturava numa oposição temporal, estando o Norte no centro da modernidade e o Sul numa periférica e ancestral pré-modernidade (5). Aliás, como observa Eduardo Lourenço, a Europa é definida mais pelo que não é, ou seja, pela comparação com o Outro, com o que não é a Europa, e com a Europa “periférica”, que lhe desenha as margens (1994: 39-40) (6).

A comparação entre as literaturas do Norte e do Sul conduziu os historiadores da literatura portuguesa à desvalorização da literatura portuguesa pela sua alegada falta de originalidade, uma vez que se partia do pressuposto de que as literaturas do Norte da Europa (românticas) eram originais e as literaturas do Sul se pautavam pelo seu carácter imitativo relativamente às literaturas grega, latina e francesa. Teófilo Braga, que defendeu esta posição, acabou por mudar de opinião, após a sua adesão ao positivismo comtiano, que valorizava a ideia da latinidade ocidental e uma perspectiva meridional da cultura, o que permitiu revalorizar a área de influência da literatura e cultura francesas. A partir daí, Teófilo passou a defender que afinal a literatura portuguesa era fecunda e original, porque se inseria numa tradição secular e autónoma.

A história literária oitocentista foi assim um modo de o Norte se superiorizar ao Sul, que passou a interpretar a partir da sua nova matriz teórica, em detrimento da posição dominante da poética clássica e do classicismo francês. Sob a capa da geografia, da velha teoria dos climas e da filosofia da história hegeliana, o Norte impôs assim ao Sul a sua perspectiva, a sua “teoria literária”.

Notas

(1)- Cf. Lopes de Mendonça (1849: XV), Moniz Barreto (s/d [1898]: 73), Figueiredo (1916: 214), Nemésio (1944: IX-XI), J. P. Coelho (1944: 30), Pimentel (1991: 66), Moisés (2000: 213, 221) e Venâncio (1998: 15-8).

(2)- Esta distinção gerou uma especialização institucional, de tal forma que na criação do Curso Superior de Letras em Portugal, em meados do século XIX, à semelhança do que se passou em França, subdividiu-se o estudo da literatura moderna em literaturas do "Meio-Dia da Europa" e do "Norte da Europa" (cf. Braga, 1902: 196-8), de que derivarão as diversas filologias (indo-europeia, românica, germânica), instituídas de modo global em 1901 no referido Curso.

(3)- Por condenar a imitação, A. Schlegel diz que no seu *Curso de Literatura Dramática* só falará de produções originais e elevadas (*id.*, I: 316). Também o seu irmão, F. Schlegel, adverte que na *História da Literatura Antiga e Moderna* só se ocupará dos génios criadores e das épocas *florescentes*, resumindo rapidamente os séculos de imitação (1829 [1815], I: 43).

(4)- “there is a similiary damaging assumption that the archive of European theory is located somewhere between Franco-Scottish Enlightenment and Anglo-German Romantic nationalism.” (*id.*: 5); “The idea of the defective Europeanness of the south that has shaped the policies of the two-tier Europe” (*id.*: 6). Segundo Dainotto, estes preconceitos fazem parte da “retórica do inconsciente” da Europa há três séculos: “The Romantics’ theories of the nation as a model of bureaucratic and state organization superior to, and more modern than all other kinds of state organization run parallel to their theorizations of a Europe of nations.” (*id.*: 10).

Sobre a questão das “duas europas” cf. E. Lourenço, 1994.

(5)- “A modern European identity, in other words, begins when the non-Europe is internalized – when the south, indeed, becomes the sufficient and indispensable *internal* Other: Europe, but also the negative part of it.” (2007: 4).

(6)- Como observa Pierre Bourdieu, esta geografia literária, devedora da “retórica da cientificidade” da teoria dos climas, apoia-se num conjunto de fantasmas sociais, numa mitologia escondida que impõe simbolicamente o Norte (masculino/mestre) ao *Midi* (feminino/escravo) (1982: 227-39). Para além desta divisão pertencer a uma diferenciação mais profunda, com base no progresso científico da Europa do Norte por oposição ao correlativo atraso do Sul, tem na sua estrutura profunda, como sublinha Eduardo Lourenço, um antagonismo mais antigo, de natureza religiosa: “As *duas* Europas começaram por ser originariamente a Europa católica e a Europa protestante, ou o *catolicismo* de uma e o *protestantismo* de outra.” (1994: 62; cf. Mignolo, 2003: 43). Por seu turno, R. Koselleck sublinha que estas “duas europas” funcionam como “conceitos antónimos assimétricos” (Helenos vs. Bárbaros, Cristãos vs. Pagãos), isto é, como factores identificadores “dont la fonction est d’ exclure toute reconnaissance réciproque.” (2000: 192; cf. 191-232).

Bibliografia

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (1990)- *Teoria e Metodologia Literárias*. Lisboa: Universidade Aberta.

BARRETO, G. Moniz (s/d)- *A Literatura Portuguesa no século XIX*. Lisboa: Inquérito [1889].

BEYRIE, Jacques (1994)- *Qu’ est-ce qu’ une littérature nationale ? Écriture, Identité, Pouvoir en Espagne*. Toulouse: P. U. du Mirail.

BOURDIEU, Pierre (1982)- *Ce que parler veut dire. L’économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.

BRAGA, Teófilo-(1870)- *Historia da Litteratura Portugueza. Introducção*. Porto: Imprensa Portugueza.

_____(1872)- *Theoria da historia da litteratura portugueza*. Porto: Imprensa Portugueza.

_____(1885)- *Curso de Historia da Litteratura Portugueza (Adaptado ás aulas de instrucção secundaria)*. Lisboa: Livraria Internacional.

_____(1902)-*História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrucção Publica Portugueza*, tomo IV (1801-1872). Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

_____(1905)- *Garrett e os dramas românticos*. Porto: Chardron.

- _____(1984)- *História da Literatura Portuguesa - Idade Média*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda [1909].
- CARVALHO, Francisco Freire de (1840)- *Lições Elementares de Poética Nacional, seguidas de um Breve Ensaio sobre a Crítica Litteraria ou Metaphysica das Bellas-Letras*. Lisboa: Typographia Rollandiana.
- _____(1840a)- *Lições Elementares de Eloquencia Nacional, offerecidas á mocidade de ambos os hemispherios que fala o idioma portuguez*, 2ª ed. Lisboa: Typographia Rollandiana [1834].
- COELHO, Jacinto do Prado (1944)- *A Poesia Ultra-Romântica*, I. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- CORDEIRO, Luciano (1869)- *Livro de Crítica (Arte e Litteratura Portugueza D' Hoje) (1868-9)*. Porto: Typographia Lusitana - Editora.
- DAINOTTO, Roberto (2007)- *Europe (in Theory)*. Durham: Duke U. P.
- ESPAGNE, Michel e WERNER, Michael (ed.s) (1994)- *Philologiques III. Qu' est-ce qu' une littérature nationale ? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris: Maison des Sciences de l' Homme.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1994)- "La función de la literatura en la creación de las naciones de Europa", in VILLANUEVA, Darío (ed.) (1994)- *Avances en Teoría de la Literatura*. Universidade de Santiago de Compostela, pp. 357-77.
- FERREIRA, José Maria d' Andrade (1872)- *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*, 2 vl.s. Lisboa: Casa de Rolland & Semiond.
- FERRAZ, Maria de Lourdes (1997)- "Crítica e História Literária", in BUESCU, Helena Carvalhão (ed.) (1997)- *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, pp. 104-9.
- FIGUEIREDO, A. Cardoso Borges de (1876)- *Logares Selectos dos Classicos Portuguezes nos principais generos de discurso em prosa para uso das escholae*, 14ª ed. Coimbra: Livraria de J. Augusto Orcel.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1916)- *Historia da Critica Litteraria em Portugal da Renascença á Actualidade*, 2ª ed. rev. Lisboa: Livraria Clássica Editora [1914].
- GARRETT, Almeida (1844)- "Memória ao Conservatório Real", *Frei Luís de Sousa*. Lisboa: Imprensa Nacional [1843].
- _____(1851)- "Introdução" a *Romanceiro*, II. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. VIII-XLVI.
- HERCULANO, Alexandre (1898)- *Opúsculos*, Tomo IX, *Literatura - Tomo I*, 3ª ed., Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand/Francisco Alves.

- HOHENDAHL, Peter Uwe (1989)- *Building a National Literature. The Case of Germany, 1830-1870*. Ithaca and London: Cornell U. P. [1985].
- KOSELLECK, Reinhart (2000)- *Le Futur Passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales [1979].
- LAMBROPOULOS, Vassilis (1988)- *Literature as National Institution. Studies in the Politics of Modern Greek Criticism*. Princeton: Princeton U. P.
- LEAL Júnior, José da Silva Mendes (1862)- "Elogio Historico do socio effectivo Visconde d' Almeida Garrett", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras*, Nova Série - T. II, P. I. Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pp. 1-12 [1856].
- LOURENÇO, Eduardo (1994)- *Nós e a Europa ou as duas razões*, 4ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MAIA, Delfim Maria D' Oliveira (1883)- *Theoria da Litteratura, particularmente da Litteratura em Prosa, para uso das aulas de litteratura nacional segundo a ultima reforma d' instrucção secundaria*, 2ª ed. Porto: Typographia de A. J. da Silva Teixeira [1880].
- _____(1888)- *Noções de poética para uso das escolas e como complemento da theoria da litteratura*, 6ª ed. Porto: Livraria Portuense.
- MENDONÇA, A. P. Lopes de (1849)- *Curso de Litteratura no Gremio Litterario: Influencia da Litteratura do seculo 18 na Litteratura do seculo 19 -Caracter da Poesia n' este Seculo*. Lisboa: Typographia de António José da Rocha.
- _____(1855)- *Memorias de Litteratura Contemporanea*. Lisboa: Typographia do Panorama.
- _____(1857)- "A Litteratura Portugueza nos seculos XVI e XVII", *Annaes das Sciencias e Lettras, publicados debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias. Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras*, pp. 1-44.
- MIGNOLO, Walter D. (2003)- *Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronteirizo*. Madrid: Akal [2000].
- MOISÉS, Massaud (2000)- *As Estéticas Literárias em Portugal*, vl. II (séculos XVIII e XIX). Lisboa: Caminho.
- NEMÉSIO, Vitorino (1944)- "Prefácio" a BARRETO, Moniz (1944)- *Ensaio de Crítica*. Lisboa: Bertrand, pp. IX-XLII.

- PIMENTEL, F. J. Vieira (1991)- *Literatura Portuguesa e Modernidade. Ensaio sobre os séculos XIX e XX*. Ponta Delgada: Ed. do Autor.
- QUENTAL, Antero de (1872): *Considerações sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza (a proposito d' alguns livros recentes)*, Porto/Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugenio Chardron.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1996)- *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*, 5ª ed. Porto: Edições Afrontamento[1994].
- _____(2000)- *A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência* [vl. 1 de *Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*]. Porto: Edições Afrontamento.
- _____(2006)- *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política* [vl. 4 de *Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*]. Porto: Edições Afrontamento.
- SCHLEGEL, August Wilhelm (1971)- *Cours de Littérature Dramatique*, T. I e II. Genève: Slatkine Reprints [1809-11].
- SCHLEGEL Friedrich (1829)- *Histoire de la Littérature Ancienne et Moderne*, 2 vl.s., trad. de William Duckett, Paris: Th. Ballimore; Genève:Cherbuliez [1815].
- STAËL, Madame de (1968)- *De l' Allemagne*, T. I e II (ed. de BALAYÉ, Simone) [1813].
- _____(1991) *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. Paris: Flammarion (ed. de GENGEMBRE, Gérard e GOLDZINK, Jean) [1800].
- SILVA, Luís Augusto Rebelo da (1848)- "A Eschola Moderna Litteraria"- O Sr. Garrett", *A Epoca. Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura e Bellas Artes*, nºs 7-10, 15-6, 25 e 27; pp. 105-9, 121-4, 136-9,152-6, 234-8, 249-53, 388-91, 421-4.
- _____(1857)- "A Arcadia Portugueza", *Annaes das Sciencias e Lettras, publicados debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias. Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras*, pp. 57-87, 147-68 e 197-216.
- VENÂNCIO, Fernando (1998)- *Estilo e Preconceito. A Língua Literária em Portugal na Época de Castilho*. Lisboa: Cosmos.